

LAÇOS DE FAMÍLIA
MANIAS TRANQUILAS DE UMA VITÓRIA RÉGIA
A ARTE DO CONTO DA BRASILEIRA CLARICE LISPECTOR

GEORGE RUDOLF LIND
Stuttgarter Zeitung, 26 de Novembro de 1966

Há anos considera-se Clarice Lispector como um dos grandes talentos da literatura brasileira e, tanto os críticos brasileiros como os portugueses, não se cansam de festejá-la como uma nova Virginia Woolf. Entenderemos melhor esta homenagem quanto a isto, quando relembrarmos a invasão de literatura folclórica e provinciana ligada aos nomes de J. Amado, J. Lins do Rego ou E. Verissimo. Depois de tantas críticas sociais e de descrições locais, tinha que se fazer um estado de exaustão que desse a um artista a oportunidade de se dedicar aos problemas da sociedade humana sem maiores preocupações de outra ordem. E aqui encontramos os livros de Clarice Lispector totalmente libertos de folclore. Não descrevem nenhum bairro pobre de Recife, nem falam de atos de pioneirismo na selva. Clarice Lispector gira em volta de seu próprio eu, conta suas sensibilidades individuais com total liberdade, e é justamente esta visão "existencial" que faltava desde há muito na literatura brasileira e que, por sua raridade, é tão altamente aclamada pela crítica.

A Editora Claassen Verlag de Hamburgo que no ano passado lançou no âmbito do idioma alemão o romance "A Maçã no Escuro", permitiu que se seguisse a este uma coletânea de contos: "Laços de Família". O jogo de luz e sombra interior da arte de Clarice Lispector se fazem agora discerníveis. E por que não o dizer de imediato: se é bom falar de escritores femininos, assim se encontra esta autora brasileira como a mais ao topo de seus intérpretes. No centro do conto, o monólogo feminino. A perspectiva da qual ela toma projeção é a sua dualidade diversificada. O que é encantador, pois que Clarice Lispector estiliza os sentimentos de uma visonária que sofre com a vida terrena. A forma de apresentação se torna assim também pouco ortodoxa e obstinada em alto grau: sua prosa sempre se tange às fronteiras da poesia. Clarice Lispector percebe o mundo do cotidiano como se seus eventos acontecessem num outro planeta. Ela atravessa, por assim dizer, os mecanismos da vida e penetra o difícil, o secreto dos acontecimentos apenas reconhecíveis pelo que acontece à sua superfície. Os problemas desta vida se passam então numa camada de extrema e elevada sensibilidade.

Os atos emergem da vida interior dos personagens principais, muitas das vezes por um monólogo-conto feito por uma mulher a qual mal pode negar seu parentesco com a autora. O evento ganha vida graças às reações desta sobre as coisas que a circundam. Sua sensibilidade é tão aguda que todas as impressões a ferem, libertando uma náusea em relação à vida em si. A purificação de sua arte escrita se baseia numa vontade mórbida que parte em direção ao exótico e ao raro. É

ela, Clarice Lispector, uma Vitória Régia da literatura brasileira.

Como se nela se tivessem juntado todas as finuras psicológicas de Dostoiewski, seus contos documentam o reino da sensibilidade de uma mulher difícil. Nunca se prendendo a unidades inúteis, conduz-se ela, segura de seu objetivo, para os quadros da vivência que prometem dar respostas sobre a vida humana em sua totalidade. Ela está principalmente presa às costuras onde, no meio do dia, explodem as crises humanas. Mas uma força impulsiona ainda a sensibilidade que envolve a vida no seu núcleo explosivo; a certeza do convencionalismo desaparece restando uma mulher solitária em meio a um turbilhão de sentimentos contraditórios. Esta dialética de sentimentos sempre retorna, é a roda gigante da arte de Clarice Lispector, que, sem dúvida, é uma escritora com talento onde os sonhos divagantes de uma mulher nos alcançam do seu melhor lado. Seus personagens sofrem de manias tranquilas: um vai ao Jardim Zoológico, "para ficar doente", numa outra, a visão de um cego faz que se exploda em sua vida uma crise existencial; um professor enterra um cão estranho, por ter abandonado o seu próprio ao seu destino. Mas também existe uma porção de humor, assim como na descrição de uma festa de aniversário, que une todos os familiares em volta de uma anciã - o grotesco em volta das miseráveis relações familiares.

As fraquezas destes contos vêm da fonte de seus traços: a sensibilidade sobrecarregada do eu, os sonhos subjetivos que se perdem por vezes no extravagante e por que não dizer, na falta de gosto. Então a autora se faz de sonhadora e altiva: "A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar". O espelhar da profundidade de certas passagens se teria feito ainda mais preciso, se Curt-Meyer Classon não tivesse contornado com mestria certos momentos fracos. Portanto, encontramos como limitações a este livro seu exigente sentido de profundidade, um correr contínuo para o nebuloso e uma subjetividade em excesso.